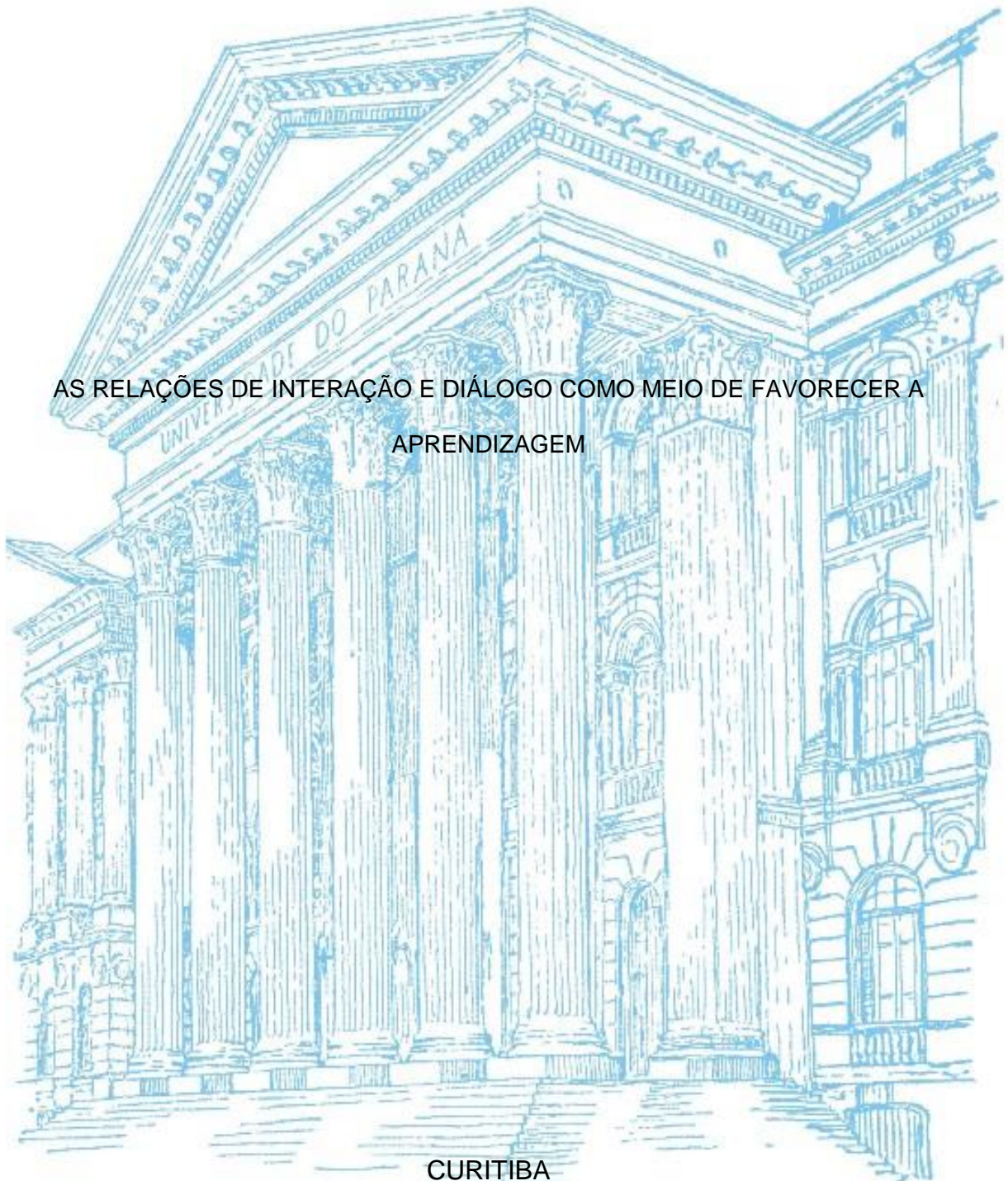


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES

AS RELAÇÕES DE INTERAÇÃO E DIÁLOGO COMO MEIO DE FAVORECER A
APRENDIZAGEM



CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

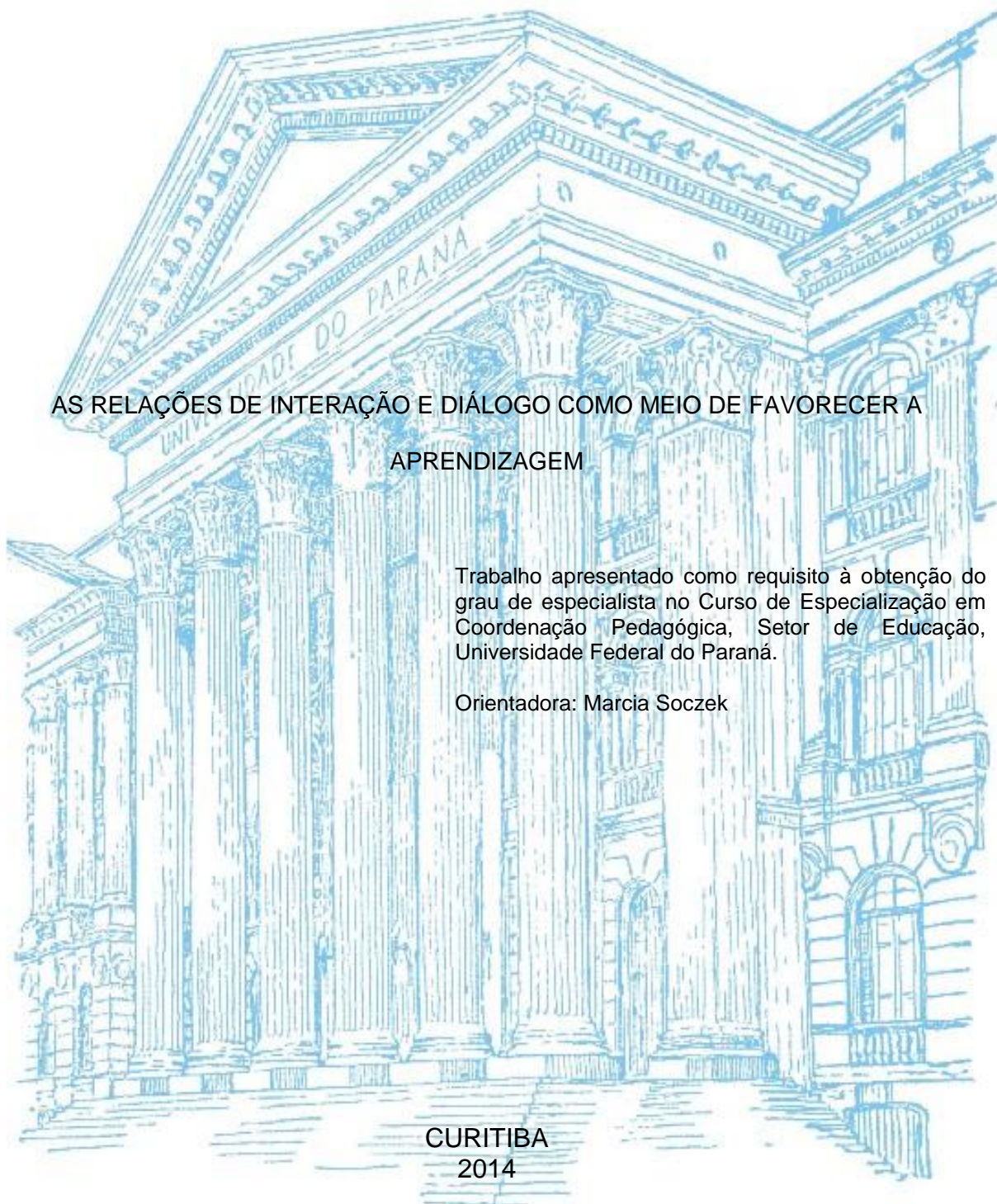
CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES

AS RELAÇÕES DE INTERAÇÃO E DIÁLOGO COMO MEIO DE FAVORECER A
APRENDIZAGEM

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Marcia Soczek

CURITIBA
2014



AS RELAÇÕES DE INTERAÇÃO E DIÁLOGO COMO MEIO DE FAVORECER A APRENDIZAGEM

CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES*

RESUMO

O objetivo deste artigo é propiciar reflexões sobre as relações de interação e diálogo entre discentes e docentes como meio de favorecer a aprendizagem dentro da esfera da educação pública brasileira. Para tanto, este trabalho baseia-se na pesquisa qualitativa com pesquisa bibliográfica e tem como objeto de análise os escritos de Paulo Freire e Lev Vygotsky que despontam como importantes teóricos na área da educação. A motivação desta pesquisa surgiu a partir das observações realizadas enquanto coordenador pedagógico da Rede Municipal de Ensino de Matinhos. Ainda é relevante destacar o fato de que estudos na área da educação têm revelado que a interação entre docentes e discentes pode possibilitar um melhor desenvolvimento na aprendizagem e aquisição dos conhecimentos científicos. Sendo assim, este trabalho procura trazer embasamento teórico para o processo de interação e diálogo entre os envolvidos no processo educacional. Por isso, o trabalho apresenta a junção entre as observações realizadas pelo pesquisador em seu trabalho de coordenador pedagógico e as teorias estudadas sobre interação e diálogo na mediação do conhecimento e da aprendizagem. Desse modo, o artigo apresenta estudos sobre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem, aborda quem são as pessoas que atuam neste importante processo, os conceitos de interação e diálogo e a relação ensino-aprendizagem como processo educativo. O trabalho realizado aponta para a necessidade de repensar a escola e o processo pedagógico entre discentes e docentes tendo como norte o diálogo e a interação para favorecer o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Diálogo. Processo de Ensino-Aprendizagem. Interação Docente-Discente.

Artigo produzido pelo aluno Christopher Smith Bignardi Neves do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Marcia Soczek. E-mail: smithbig@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da interação e do diálogo entre educandos e professores no processo de aprendizagem. Na sociedade individualista, que estimula a competitividade e aumenta as diferenças sociais, certamente esse problema tem como agravante a falta de valores e de virtudes na formação do cidadão, tanto na escola como na família. É possível observar isto no ambiente escolar na relação professor e aluno.

O pesquisador pode adquirir tais observações a partir da experiência profissional, constatando que no interior da escola é possível perceber dois movimentos, o primeiro envolve a ação de muitos professores que se preocupam irrestritamente com o repasse de conteúdos e de matérias e que por isso não conseguem perceber como sujeito integral, suas dificuldades e necessidades. Nóvoa (1995) diz que por “muito tempo os professores limitaram-se a mobilizar um saber disciplinar, assumindo fundamentalmente como transmissores de um conhecimento científico em história, em biologia ou em matemática”. Esta postura leva a refletir sobre a necessidade de mudanças no que tange a relação professor e aluno. Logo, é possível verificar educandos que não respeitam o espaço escolar, não apresentam nenhum interesse pela escola e que se afastam dos seus professores.

Para explicitar como a relação de interação e diálogo envolvendo professores e educandos interferem no processo de ensino foram levantadas algumas questões a serem respondidas no decorrer deste artigo: Qual a importância da relação professor/aluno no processo ensino-aprendizagem? Quais as contribuições de um bom relacionamento entre professor e aluno? Estes são alguns dos questionamentos aqui abordados.

Utilizando a pesquisa qualitativa, por meio de estudos de obras que apontam para a importância da relação professor aluno e processo de aprendizagem, este artigo apresentará com base nas concepções de Vygotsky e Paulo Freire como a interação e o diálogo propiciam a aprendizagem nas escolas de ensino fundamental.

O texto deste trabalho será organizado da seguinte forma: A primeira seção **Os Sujeitos do Processo Ensino-Aprendizagem**, aborda quem são as pessoas que atuam neste importante processo. Na segunda seção, **Relacionamento entre Docentes e Discentes**, apresentará os conceitos de Interação e Diálogo, com base nos estudos de Freire e Vygotsky. A terceira seção **A Relação Ensino-Aprendizagem como Processo Educativo**, explicita a forma como o mesmo

ocorre, os mesmos autores já citados auxiliam na compreensão e análise do processo. Por fim apresenta-se as **Considerações** e as **Referências**.

OS SUJEITOS DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Para contextualizar o processo ensino-aprendizagem, é imprescindível conceituar cada sujeito deste processo.

No livro “Professora sim, tia não”, Freire coloca que:

Fica clara a importância da identidade de cada um de nós como sujeito, educador ou educando, da prática educativa. E da identidade entendida nesta relação contraditória, que somos nós mesmos, entre o que herdamos e o que adquirimos. (FREIRE, 1997, p. 64)

Ou seja, é preciso delimitar qual o papel de cada um dentro do processo ensino-aprendizagem, visto que tanto professor quanto aluno são os agentes primordiais desta dinâmica.

Historicamente o papel do professor no processo ensino-aprendizagem foi associado a uma postura de quem controla, fiscaliza, disciplina, a medida em que “transmite” os conteúdos.

É preciso deixar de ser mero administrador de um esquema anacrônico e equivocado; assumir o papel de sujeito, perceber que existem coisas que, com ousadia e trabalho coletivo, podem ser feitas já!. (VASCONCELLOS, 1998, p. 23).

As mudanças ocorridas na sociedade e nas relações humanas apontam para as novas necessidades relacionadas à modificação da postura de docentes e discentes. Dentro desta nova concepção, alunos e professores são desafiados a numa nova ação pedagógica construir o conhecimento através de uma ação problematizadora.

Cabe ao professor ir além da instrumentação teórica, e desenvolver conceitos ético-sociais, é importante que o professor analise propostas curriculares alternativas direcionadas não somente ao saber sistematizado, mas a instrumentação científica da cidadania. É papel do professor é ser um socializador do conhecimento, um mediador da relação cognitiva entre aluno e conteúdo.

Fazer com que o aluno tenha condições de trabalhar cientificamente os conteúdos escolares; conhecer teorias educacionais, de ensino e de aprendizagem; desenvolver a capacidade de observação e questionamento frente a realidade, interpretando-a; ser autônomo na elaboração de seu conteúdo; conhecer métodos

diversos; dominar modos de reconstrução de conhecimento, com base na sua prática pedagógica, são algumas das necessidades da postura do professor comprometido com o processo ensino-aprendizagem.

Professores que não refletem sobre sua prática, correm um imenso risco de se tornar um mero repetidor dos rituais pedagógicos que viveram, usando essas práticas como modelo para ensinar seus alunos.

Logicamente que com toda esta mudança na educação, mudança essa que interfere diretamente no processo ensino-aprendizagem, o papel do aluno também passa a ser outro.

Aquela visão de aluno obediente que houve e aceita todas as “verdades” transmitidas pelo professor, já está ultrapassada e não tem espaço nas salas de aula de hoje em dia. Define-se no livro *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente* de Assmann que:

Agente cognitivo (indivíduo, grupo, organização, instituição, sistema) que se encontra em processo ativo de estar aprendendo. Que/quem realiza experiências de aprendizagem (*learning experiences*). (ASSMANN 1998, p. 129)

Houve uma quebra de paradigmas na definição, ou melhor o papel do aluno no processo ensino-aprendizagem. Uma das principais mudanças foi assumir o papel de sujeito ativo na construção do conhecimento.

O aluno é portador e produtor de sua cultura, professor e aluno se confundem no processo de construção de conhecimento, se confundem no sentido que, os dois constroem e reconstróem o conhecimento numa dinâmica de interação.

Ou seja, nosso aluno de hoje é responsável pelo seu conhecimento, ele é um ser social, tem uma história e esta história precisa ser considerada.

É preciso lembrar que nossos alunos são resultado de suas experiências. Elas são resultado do espaço em que vivem, e de suas construções sociais e culturais. Não existe modelo de criança de acordo com sua faixa etária, e desta forma não existe uma única forma de aprendizagem. Para entender o aluno da atualidade, é preciso respeitar as diferenças.

RELACIONAMENTO ENTRE DOCENTES E DISCENTES

Para se entender a dimensão desta relação faz-se necessário conceituar:

Segundo Queiroz interação é:

Simultaneamente, forma de aprendizagem infantil e um dos instrumentos didáticos centrais do educador para a promoção do ensino. O profissional necessita propiciar situações que garantam a troca entre as crianças, num ambiente que propicie a confiança e a auto-estima. A interação supõe conflitos, disputas e divergências. As crianças aprendem quando interagem com seus pares. (QUEIROZ, 2003, p 153-154)

Encontramos ainda Queiroz (2003) que o conceito de educador é todo profissional especializado na área de educação; professor, monitor, aquele que educa, a mesma autora ainda conceitua que aluno é aquele que recebe instrução e/ou educação de mestre(s), em estabelecimento de ensino ou particularmente; estudante.

Neste processo de relacionamento do professor-aluno a escola é o palco das situações, com seu papel social, a escola prepara o aluno para a convivência em grupo e na sociedade, ainda, prepara o aluno para o mercado de trabalho, organiza o conhecimento científico e de senso comum.

Para Vygotsky (1998) essa relação que se dá entre o professor e o aluno deve ser construtivista, onde o respeito mútuo deve prevalecer. O aluno um sujeito que tem de interagir com o meio e agir no meio. O professor um mediador do conhecimento, não detém todo o saber, mas, tem mais experiências. Logo, com os princípios de respeito e interação o professor, não pode ignorar o conhecimento que o aluno tem, partindo desses saberes comuns, das culturas, e demais intelectualidades, o professor tem que possibilitar o progresso do desenvolvimento da criança.

Ressalta-se ainda que, o progresso deste desenvolvimento depende também da relação aluno-aluno, esse crescimento se dá por meio de um coletivo, onde todos tem saberes diferentes que podem compartilhar com seus colegas.

O autor acima citado então relacionou este desenvolvimento em dois níveis: um real e outro potencial.

O desenvolvimento real é aquele que a criança já tem, ela é capaz de resolver determinada atividade por si própria, pois já tem esse conhecimento. O desenvolvimento potencial é quando se necessita de uma ajuda de terceiros. Com base nestes níveis, Vygotsky elaborou um dos principais conceitos, as Zonas de Desenvolvimento Proximal.

Ana Bock elaborou um pequeno texto que esboça bem o conceito de ZDP:

Vigotski construiu o conceito de zona de desenvolvimento proximal, referindo-se às potencialidades da criança que podem ser desenvolvidas a partir do ensino sistemático. A zona de desenvolvimento proximal é a

distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas pela criança, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros. Este conceito é importante porque nos possibilita delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento. Além, disso permite ao professor olhar seus educando de outra perspectiva, bem como o trabalho conjunto entre colegas. Aliás, Vigostki acreditava que a noção de zona de desenvolvimento proximal já estava presente no bom senso do professor, quando este planejava seu trabalho. (BOCK, 2001, p. 125)

No âmbito pedagógico, se pode observar a função do professor que auxilia seus alunos na busca do conhecimento. Para que o professor se faça presente e tenha um rendimento satisfatório, Vygotsky (1998) acredita que o mediador teria de interferir nas zonas de desenvolvimento proximal do aluno, utilizando de metodologias. Defende ainda a metodologia da linguagem, método esse obrigatório e presente na realidade das salas de aula, o teórico relata ainda, que o desenvolvimento é característica das crianças, visto as brincadeiras que elas fingem ser o que ainda não são.

O professor tem que observar qualquer ato do aluno, pois ele tem diversas formas de expor seu saber, quando esta exposição não é realizada o professor tem que acompanhar de forma mais ativa, e estimular o raciocínio lógico do aluno.

A relação do professor com o aluno deve ser contínua, baseado no diálogo. O diálogo é de suma importância para a relação professor-aluno, atuando no fator psicológico, sendo vínculo entre o cognitivo e as ações concretas.

O professor não pode deixar com que o aluno aprenda sozinho, os dois devem caminhar juntos, cooperando-se. Os erros ocorridos nesta caminhada devem ser evidenciados para facilitar no processo de ensino aprendizagem. Com os erros dos alunos e com a observação feita, é possível saber o que deve ser ensinado para que esses erros não mais ocorram, diz ainda que o aprendizado se dá de forma lógica, compreensiva e reflexiva.

Para Freire (2005) a relação professor-aluno se dá de forma dialógica, em uma relação intercomunicativa, na qual ambos desenvolvem uma relação horizontal de respeito, assim, o diálogo é um componente relevante para uma aprendizagem significativa. Esse fenômeno educacional é complexo, que associados à outros fenômenos contribuem para a construção do processo de ensino-aprendizagem.

O respeito mútuo garante um bom relacionamento e favorece a confiança. Desta forma, o diálogo deve ser diário. Paulo Freire (2005) relata que a relação professor-aluno deve ser considerado os aspectos cognitivos e os afetivos. Pois na

escola os alunos se deparam com o saneamento de algumas de suas necessidades afetivas.

Um ponto importante a ser analisado nesta relação é a importância do diálogo nesta interação. Para clarear mais nossa visão de diálogo temos a explicação de Queiroz (2003) onde diz que o diálogo nada mais é do que a ação de dialogar, de trocar ideias e informações por meio da troca verbal. Fala entre dois ou mais interlocutores que chegam à uma verdade comum.

Logo, que já temos definidos nosso ponto de visão podemos dizer que o diálogo é uma forma de fazer firmar a confiança entre as pessoas e formar um senso de honestidade, assim favorecendo a reflexão dos sujeitos.

O professor tem que saber que a aprendizagem partindo do método dialógico não é algo natural, espontâneo. Freire (1979) relata que:

Sem amor é impossível o diálogo. É por isso que não pode haver diálogo entre opressores e oprimidos. É imprescindível, para restaurar-se, ou inaugurar-se o diálogo, que se acabe com a opressão. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. (FREIRE 1979 In. FERNANDO BECKER 1993, p. 83)

Gadotti (1991) nos mostra que “o diálogo é uma exigência existencial que possibilita a comunicação” e “para por em prática o diálogo, o educador deve colocar-se na posição humilde de quem não sabe tudo”.

Isso pode parecer óbvio, mas temos que aceitar que em pleno século XXI ainda há professores que são os detentores do saber, que não aceitam outras ideias a não ser a sua própria. Professores mal informados, despreparados e incapazes, são entre muitos os que tem medo do questionamento, medo do diálogo, pois em suas míseras concepções como uma criança é mais sábio que ele que já viveu anos, que cursou uma faculdade. Esses professores utilizam do método autoritário, pois, é mais fácil um aluno que não questione e nem debata com ele, pois o despreparo irá fazer com que ele se sinta humilhado.

Um esquema proposto por Paulo Freire, é de que a comunicação comum entre professores e alunos é de forma vertical e direta, desta forma o professor comunica ao aluno o conteúdo da mensagem, porém Freire aponta falhas nesse processo, para o autor o melhor meio para atingir bons resultados de aprendizagem é a intercomunicação, que para Freire é a comunicação em ambos os sentidos, uma via dupla de mensagem, desta forma alunos e professores dialogam, trocando mensagens, favorecendo a aprendizagem.

O diálogo deve acontecer considerando a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural que devem ser respeitados. Em esquema proposto por Freire professores falando com os alunos é igual à comunicação, quando ocorre isto é mais o inverso disto é dado o nome de intercomunicação. Esse respeito entre professor e aluno, em busca da aprendizagem, é dado o nome de interação dialógica.

Quando essa interação não ocorrer, esta se pautará em uma relação antidialógica, sendo esta o oposto da primeira, ocorrendo assim: o professor falando sobre os alunos, assim o aluno esta comunicado. Ele não trocou informação, não debateu, não expôs suas ideias, ele apenas foi comunicado do assunto. Esse é o professor acrítico. Este professor rompeu com o respeito. Imposição do meu sobre o seu.

Como já dito por Vygotsky (1998), e por Freire (2005) o educador tem que respeitar e ter consciência que o educando tem um conhecimento, adquiridos por suas experiências, por suas brincadeiras, por suas próprias observações. Para essas ideias já existentes da-se o nome de inclusores, onde se crê que estes conhecimentos servem como ponto de partida para a aquisição de novas ideias.

Esses inclusores devem ser respeitados na prática pedagógica, na relação professor-aluno, na relação aluno-aluno. Rego (1996) diz que uma relação professor-aluno baseada no controle excessivo, na ameaça e na punição provocará reações diferentes das inspiradas por princípios democráticos.

A relação professor-aluno é muito importante para as crianças, elas permanecem cerca de 5 a 7 horas por dia com um professor por quase 10 meses. Nós nos perguntamos: o que é considerado um bom professor? Todos nós temos passado por escolaridade, e se a sorte tivesse um professor preferido. É difícil determinar quando a relação é positiva entre o aluno e o professor, mas pode ser encontrada em ambos os indivíduos. Para isso é de extrema valia que o professor traga novidades de sua área. Compreendemos que novidades são fatos atuais que ocorre nesta era da informação, onde inúmeros acontecimentos modificam e/ou acrescentam os dados escolares. O professor deve demonstrar ter uma formação sólida, completa, que lhe tenha fornecido saberes mínimos para o ensino de crianças e jovens, quanto a isto Freire diz que:

O intelectual memorizador, que horas a fio, domesticando-se ao texto temeroso de arriscar-se fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma

relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética, mas pensa mecanicistamente. (FREIRE 1996, p. 14-15)

As qualidades de um relacionamento positivo pode variar, perfazendo uma experiência de aprendizado acessível, onde se convida os alunos a aprender e estes vem por própria vontade. Boa comunicação, respeito em sala de aula e interesse no ensino (aulas ministradas pelo professor e a aprendizagem de um aluno) iram estabelecer uma relação positiva entre os indivíduos. O foco é sobre a relação entre o professor e o aluno, que envolve uma configuração no ensino primário, extremamente importante para o aluno a adquirir uma atitude positiva para a sua educação futura.

Os alunos têm estratégias diferentes para aprender e alcançar seus objetivos. Quando há poucos alunos em sala de aula, a compreensão e o aprendizado será mais rápido, mas ao mesmo tempo, haverá aqueles que têm de ser repetidamente ensinado, utilizando de diferentes técnicas para que o aluno seja capaz de entender a lição. Desta forma percebemos a importância que o professor tenha além de uma boa didática e formação, de liberdade para o aluno participar efetivamente de sua aula. Assim, o aluno percebe-se como sujeito na construção do seu conhecimento, e o professor privilegia a autonomia do mesmo, tornando a aprendizagem um processo social.

Freire nos mostra que:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidade, as perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto, em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não de transferir conhecimento.(FREIRE, 1996, p. 27)

Os professores precisam acompanhar continuamente seus alunos para que ele esteja ciente das dificuldades que o aluno está tendo. Compreensão do problema da criança, medo ou confusão dará ao professor uma melhor compreensão das dificuldades de aprendizagem que seu aluno está tendo. Uma vez que o professor se torna consciente dos problemas, ele vai ter mais paciência com o aluno, tornando o aluno mais seguro ou menos confuso quanto à aprendizagem, assim o aluno sente que tem um lugar na sala de aula. Apesar de existirem alunos que têm dificuldade na escola, as crianças que se sentem rejeitadas é devido ao fato de professores terem gritado e assustado as mesmas, este exemplo demonstra os

sentimentos que a criança tem para com o professor, a criança é intimidada, amedrontada, levando a inibição da aprendizagem.

Desta forma fica claro que para um bom relacionamento professor e aluno, o professor não precisa ser extremamente autoritário ou licencioso, mas sim deve-se apresentar uma postura de respeito à autonomia do aluno. Utilizamos para explicar melhor esta teoria palavras de Freire:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que “ele se ponha no seu lugar” ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exige do cumprimento do seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente a experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p. 35)

As razões para as crianças ouvirem gritos variam de professor para professor, mas gritar não é a solução, mais especificamente para as crianças que se encontram em um processo difícil de educação, ou simplesmente falta de experiências de aprendizagem, mas às vezes os professores veem a gritar com a criança como a única solução rápida, porém ineficiente a longo prazo.

A comunicação entre o aluno e o professor serve como uma ligação entre os dois, que proporciona um melhor ambiente em sala de aula. Claro que um professor não vai compreender todos os problemas de todos os alunos, mas poderá adquirir informações relevantes para o trabalho pedagógico com os discentes que estão apresentando dificuldades com tarefas específicas. Quanto mais o professor se comunica com seus alunos, maior a probabilidade deles se ajudarem, assim os estudantes irão aprender em um nível elevado e realizar as tarefas mais rapidamente.

Freire nos traz o seguinte comentário:

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve, o que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 1996, p. 52)

O professor precisa entender que em muitas escolas, as crianças vêm de diferentes culturas e origens. Um professor precisa então compreender os valores implícitos aos alunos que pode ser de suma importância e construir a autoestima dos estudantes das minorias, inclusive em caso onde são excluídos socialmente. Se

o professor demonstra uma compreensão da cultura do aluno, isso irá fornecer um melhor entendimento entre ambos.

Portanto, aqueles professores que demonstram respeito para com seus alunos, automaticamente terão alunos ativos em sua sala de aula. O professor arrogante ou ofensivo, não terá essas qualidades positivas em suas aulas, devido à sua falta de controle sobre as crianças. Os professores devem afirmar que eles também devem ser tratados com respeito, e mostrar aos alunos as suas responsabilidades para assegurar que os alunos trate-o com bondade.

Segundo Içami Tiba:

Se um aluno não respeita o conhecimento de um professor terá menos chance de aprender do que aquele que respeita, reconhece que não sabe, e quer aprender [...] É impressionante como nas escolas como esse respeito ao professor esta diminuindo cada vez mais e, em muitas situações os alunos se colocam como superiores aos seus professores. (TIBA, 2005, p. 208)

Os professores que estão em uma sala de aula todos os dias, já tiveram experimentado em algum momento, alunos que são perturbadores e/ou encontram aprendizado entediante. Entende-se que este comportamento resultará em um aprendizado desastroso, e entediante para os participantes, o professor que deter o respeito de seus alunos poderá para impedir que isto aconteça, e modificar o resultado que antes era esperado. Com o diálogo o aluno conclui que o seu comportamento é lícito, e se afasta da aprendizagem, deste modo, é essencialmente importante para o professor explicar à criança a importância de aprender. Apesar de entendermos que a aprendizagem não pode ser forçada, aprender tornar-se-á um processo confortável, melhorando a aprendizagem e o comportamento tanto em uma sala de aula ou em casa. Participação, respeito e colaboração com o trabalho do professor são imprescindíveis, Freire diz que:

Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao, ato de apreender o conteúdo ou o objeto cognoscível, que com o educando se torna produto também do conhecimento que foi ensinado. (FREIRE, 1997, p. 79)

Definitivamente, as crianças aprendem quando elas gostam de aprender, mas também elas precisam de algum controle sobre as decisões do professor. Crianças nas classes primárias se sentem à vontade para falar sobre seus problemas, medos, ou mesmo mostrar o seu conhecimento, mas ao mesmo tempo, eles querem ser ouvidos pelos colegas e pelo professor. O aluno vai sente-se valorizado e

respeitado, e lisonjeados quando o professor eventualmente lhes dá a opção de contribuir.

Os professores que se comunicam efetivamente com seus alunos devem dar um *feedback* adequado e útil a eles. A interação entre o professor e o aluno torna-se extremamente importante para um relacionamento bem sucedido, isso tende a melhorar com o tempo, lembrando que temos um ano escolar de 200 dias letivos (quando não extrapolamos, ou nos encontramos em outros dias). Este relacionamento, pode ser de mais valia para aqueles alunos que são tímidos, ou encontram problemas para falar na sala de aula, ou ainda para crianças que têm pouco autoestima. Mantendo esses alunos em sala de aula terá a confiança deles, mas somente conseguira de fato esta confiança se estabelecido estiver um bom relacionamento entre os indivíduos e mais, entre os outros alunos da classe.

Freire nos traz o seguinte comentário:

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pode pretender com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de respostas a perguntas que não foram feitas. Isso significa que realmente devemos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam. (FREIRE, 1996, p. 52)

Outro ponto importante é gerado quando os professores se consideram "tradicionais". Estes seguem uma famosa lista de livros para serem lidos por seus alunos, devemos ter em mente que muitas crianças não gostam de ler, porque eles não têm o raciocínio básico para compreender o material. Eles não têm nenhum interesse no livro, quando há é pouco, tornar-se-á a leitura estimulante quando os livros forem adequados a sua idade mental, do contrário a leitura será confusa e de difícil compreensão. Os professores que seguem o currículo tradicional não necessariamente precisam se concentrar em suas ideias tradicionais, mas sim interagir com seus alunos e encontrar temas interessantes para discutir com eles.

Portanto, como um professor pode manter um relacionamento no qual ensine efetivamente seu aluno? A resposta fica clara quando ocorre a interação com os outros professores, e estes trocam informações sobre seus alunos. Cada ano escolar uma professora primária lida com novas caras e novas atitudes, quando os alunos se matriculam na segunda "fase" do ensino fundamental, eles terão quatro ou cinco professores por dia, cada professor irá ver uma atitude nova, terá uma nova informação sobre determinado aluno, a troca de informações entre os professores é

positiva quando o real beneficiário será não só o aluno e sim o aprendizado do mesmo. Lembrando que o professor favorito será reconhecido porque tem as qualidades que abordadas neste, apesar de não estar cientes de que, durante o período escolar o aluno pode não reconhecer isto, mas suas qualidades serão reconhecidas em um momento posterior de nossas vidas.

A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM COMO PROCESSO EDUCATIVO

De acordo com Queiroz (2003) conceito etimológico de que processo significa “ato de proceder, de avançar. Sucessão de operações, ações ou fenômenos encarados como um todo e que caminham em direção a um resultado determinado”.

Desta forma processo nada mais é que o movimento e a interação do sujeito em busca de objetivos individuais ou coletivos.

Devemos definir também o conceito de ensino e aprendizagem, já que cada um possui características próprias. Podemos considerar ensino ao movimento liderado por um interventor, um mediador para socializar os “saberes” historicamente construídos pela sociedade. A aprendizagem é o resultado deste movimento, desta mediação.

Enfim a aprendizagem acontece na interação do sujeito com o meio.

Paulo Freire (1996) no livro Pedagogia da Autonomia diz que “É preciso, sobretudo, e ai já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o principio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se com sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção”, ou seja precisamos compreender o processo de ensino-aprendizagem, como um processo de interação entre professor e aluno. O processo em que ambos interagem com o meio construindo seu próprio conhecimento.

As diversas formas de se entender a sala de aula está diretamente ligada as diversas concepções relacionadas ao ensino e a aprendizagem.

Para os behavioristas, que tem como principal representante Skinner, a aprendizagem é definida como “mudança relativamente permanente em uma tendência comportamental e ou na vida mental do individuo, resultantes de uma pratica reforçada” (Rocha, 1980 Apud Mizukani, 1986). Esta teoria também aborda a importância d planejamento para o processo ensino-aprendizagem. Ela valoriza o

papel do professor, visto que é ele o principal responsável por planejar, organizar e desenvolver situações de aprendizagem. . Eles vêem a aprendizagem como a aquisição de um comportamento, aquisição essa que é de responsabilidade do professor. Em contra partida, dentro desta teoria deixa-se de valorizar situações em que a criança aprenda de forma espontânea. Fonte????? ONDE PESQUISOU?????

Na teoria cognitivista, representada por Piaget, aprendizagem esta ligada ao desenvolvimento do aluno. Para ele a lógica mental difere qualitativamente entre crianças e adultos. Ou seja, de acordo com o desenvolvimento é que a aprendizagem acontecerá, pois o aluno aprende de acordo com seu estagio atual dentro do meio. A aprendizagem acontece em função do desenvolvimento. Ele vê a aprendizagem impactar de forma reduzida sobre o desenvolvimento do individuo, já que para ele aprendizagem ocorre em situações específicas, como na escola por exemplo.

A teoria de Vygotsky (1998) descarta esta relação de aprendizado e evolução cronológica, bem como influencia de fatores biológicos, como prontidão ou maturação. Para ele não importa a idade pois nosso cérebro possui a capacidade de estar aberto a interações e intervenções em qualquer fase do nosso desenvolvimento. Ou seja, todos podemos aprender algo novo desde que haja condições socioculturais que nos motivem ao aprendizado. Ele afirma que a diferença entre a aprendizagem das crianças não está ligada ao seu nível de desenvolvimento, mas sim ao ambiente social ao qual ela pertence, afinal estes ambientes promovem diferentes estímulos e em contrapartida diferentes resultados, fazendo com que o desenvolvimento seja diferente de criança para criança.

Ele vê a aprendizagem antecedendo o desenvolvimento, já que o desenvolvimento é propiciado pela interação do sujeito com seu meio cultural e social. Desta forma apesar das diferentes especificidades apresentadas que influenciam diretamente no processo ensino-aprendizagem, a essência é uma só, bem exemplificada por Freire (1996), “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.” Assim percebemos que independente do conceito, aprendizagem e o ensino estão intrinsecamente ligados.

Cabe aqui também citarmos o que Jacob (1991 apud Freire 1997) enfatiza em entrevista ao Corrier de L’ UNESCO, ele diz “Nós somos programados, mas, para aprender.”, ou seja, estamos em processo permanente de aprendizado e busca. E

se precisamos aprender, necessariamente há necessidade de ensinar. Desta forma percebemos o processo ensino-aprendizagem não como transmissão, mas como troca.

Precisamos compreender o processo ensino-aprendizagem como um processo dinâmico de interação, aonde todos os saberes são levados em consideração, sendo eles individuais ou construídos histórico e socialmente. Processo no qual o professor é visto como um mediador, uma ponte entre o aluno e o conhecimento. Assim como diz Demo (1997) em seu livro *Conhecimento Moderno* “Quem é profissional da reconstrução do conhecimento tem obrigação histórica de reconstruir o conhecimento necessário para desfazer os malefícios do conhecimento.” Desta forma é importante também que dentro do processo ensino-aprendizagem possamos entender que o conhecimento não é algo acabado, e sim algo que podemos desconstruir e construir sempre que necessário.

É necessário também analisarmos como o processo ensino-aprendizagem sofre influências do nosso meio atual. Nossa realidade nos faz abordar uma questão importante dentro do processo ensino-aprendizagem nos dias de hoje, a construção do conhecimento na era da informação. Em nossa sociedade a forma de agir frente a construção do conhecimento é outra, devido ao imenso fluxo de informações presentes não só no ambiente escolar, mas nos meios de comunicação. É necessário observarmos a qualidade e a relevância destas informações, e é aí que entra o professor como agente mediador no processo ensino-aprendizagem. Pois se antes, como já visto anteriormente o professor era o “detentor do saber”, hoje, na era da informação o saber do professor deu lugar a mediação e a problematização do conhecimento que o professor faz frente aos alunos.

A escola do “decoreba” se transformou na escola da descoberta. O professor precisa estimular seu aluno a andar sozinho. Podemos aqui fazer uma referência a Vygotsky que teorizava a aprendizagem por intervenção do ambiente social e dos recursos que ele oferece ao indivíduo. Logicamente que este papel de mediador e motivador no processo ensino-aprendizagem não interfere no que diz respeito ao papel de formador ético e social do professor, cabe sim a ele realizar sempre que possível o resgate destes conceitos em sala de aula. Enfim nos dias de hoje o processo ensino-aprendizagem é definido por fazer nossos alunos terem a capacidade de produzir seu próprio saber.

CONSIDERAÇÕES

Relacionando como se processam as relações entre professor e aluno no ensino fundamental, atreladas às observações realizadas ao longo da carreira profissional, percebemos que os resultados positivos da mesma é dependente tanto do educador quanto do educando. Neste nível de ensino é muito importante que haja uma troca de experiência e respeito entre professor e aluno. O respeito entre ambos só tende a melhorar o relacionamento, visto que os integrantes deste processo são diferentes, um na situação de aprendiz, que irá receber o conhecimento, e outro que irá ensinar e também aprender com seus alunos.

Analisando a relação professor-aluno quanto à questão do respeito e da autoridade percebemos que, para que esta relação seja harmoniosa e significativa, para a aprendizagem, ambos precisam colaborar. O professor precisa respeitar a autonomia do aluno. E o aluno precisa participar da aula com respeito e responsabilidade para com a sua aprendizagem e a de seus colegas.

Quanto ao que se refere à interferência no processo ensino-aprendizagem, notamos que a relação professor aluno é de vital importância, pois a aprendizagem depende diretamente de um bom relacionamento entre educador e educando. É através de uma relação dialógica que professor e aluno transformam informação em conhecimento, é também através desta relação que valores importantes são trabalhados e enraizados em nossos adolescentes, valores estes necessário à formação do cidadão.

Assim finalizando, ressaltamos a importância do respeito e diálogo entre os integrantes desta relação, pois, somente assim, professor e aluno, estarão contribuindo para um futuro onde todos possam ser cidadãos com criticidade e respeito ao próximo.

Podemos ressaltar também a contribuição desta pesquisa em nossas vidas, pois através dele podemos perceber a importância para nós enquanto coordenadores pedagógicos de sabermos que o aprendizado de nossos alunos está totalmente ligado a forma de como nos relacionamos com eles. Entendemos que para conseguirmos desenvolver o melhor de nosso aluno precisamos vê-lo como ser humano que possui sentimentos, desejos e aspirações; que precisamos respeitar a autonomia de cada um de nossos alunos; e principalmente que precisamos criar um ambiente favorável à construção do conhecimento, aonde a relação professor/aluno

seja uma relação de respeito, amizade e motivação. Desta forma através da realização deste trabalho percebemos que precisamos desenvolver um trabalho educacional aonde o aluno é visto como um ser humano que tem todas as potencialidades para construir um futuro digno, e que nós enquanto educadores somos responsáveis por garantir isto

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOCK, Ana M.B. (org.). **PSICOLOGIAS**: Uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.
- BECKER, Fernando. **Da ação à operação**. Porto Alegre: Suliani, 1993.
- DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno**: Sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Professora sim, tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997
- _____; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação**: diálogos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo. Spcione série Pensamento e ação no Magistério – 1991.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986
- NÓVOA, Antonio. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In. FAZENDA, Ivani (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. p. 29-41. Campinas: Papirus, 1995.
- REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotkiana. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola**: Alternativa teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- QUEIROZ, Tânia Dias. **Dicionário prático de pedagogia**. São Paulo: Riddel, 2003.
- TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama, educa!** São Paulo: Integrante, 2005.
- VASCONCELLOS, Celso S. **Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudança – Por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 1998. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.6)

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.